



MAJOR FELIPE MACHADO
Adjunto da Seção de Operações da
4ª Brigada de Infantaria Leve de
Montanha.

A CONQUISTA DA CIDADE DE SHUSHA

Nagorno-Karabakh é uma região montanhosa no sudoeste do território do Azerbaijão, com cerca de 150.000 mil habitantes, ocupada e administrada por uma maioria étnica armênia cristã, que rejeita o domínio azerbaijano, de maioria muçulmana (BBC, 2020; CNN, 2020). A formação dos Estados nacionais da Armênia e do Azerbaijão ocorreu em 1918, mas o conflito étnico entre os dois grupos acontece desde o século XIX (LOUREIRO; PORTO, 2021). Entre 1988 e 1994, os dois países lutaram pela soberania

sobre Nagorno-Karabakh, ocasião em que tropas azerbaijanas abandonaram a cidade de Shusha, após ataque das forças armênicas.

Ressalta-se que um acordo de paz permanente nunca foi assinado entre os contendores, e a tensão voltou a crescer em setembro de 2020. Nesse contexto, após 44 dias de combate, o Azerbaijão reconquistou Shusha e outras áreas de Nagorno-Karabakh. O cessar fogo foi acordado após mediação russa em 10 de novembro de 2020 (RÚSSIA, 2020).

Para Spencer e Ghoorhoo (2021), Shusha é o centro de Nagorno-Karabakh, devido ao seu histórico como cidade-fortaleza na Idade Média e à presença de sítios religiosos, como a Catedral Ghazanchetsots e a igreja de Kanach Zham, razão pela qual é disputada entre armênios e azerbaijanos há séculos. A cidade fortificada possui grande valor cultural para ambos os grupos étnicos, sendo descrita pelo próprio presidente do Azerbaijão, Ilham Aliyev, como “não apenas



Fig 1 - Região de conflito. Fonte: *Al Jazeera*, 2020.



Fig 2 - Vista aérea de Shusha, ao fundo Stepanakert. Fonte: Google Maps.

a pérola do Azerbaijão, mas de todo o Cáucaso” (ALIYEV; BIR; AYDOGAN, 2020). Já o especialista em geopolítica do Cáucaso, Thomas de Waal, define a cidade como “a Jerusalém de Karabakh” (FARREL, 2020).

O aspecto psicossocial em torno de Shusha é muito relevante para armênios e para azerbaijanos, sendo algo que vai além da questão religiosa. A cidade é fator central na construção da identidade e pertencimento de armênios e de azerbaijanos na região. Para Loureiro e Porto (2021), desde a perda do controle da cidade em 1992, os governos azerbaijanos exploram o fato como símbolo da agressão e da ocupação armênia. Do outro lado, a conquista da cidade frequentemente “ocupa um lugar de destaque nas comemorações nacionais armênias, seja mencionada nos discursos oficiais, seja espontaneamente evocada pela população” (LOUREIRO; PORTO, 2021, p. 20).

A cidade está construída sobre um platô que se eleva mais de 500 metros sobre o terreno adjacente, está cercada por paredões rochosos que a protegem por leste, oeste e sul, constituindo uma fortaleza natural em posição de comando sobre a região de Nagorno-Karabakh e sua capital Stepanakert (FARREL, 2020). A área construída tem um formato circular com cerca de três quilômetros de diâmetro.

O valor militar de Shusha é resumido por um ditado armênio que diz “quem controla a cidade de Shusha controla toda Nagorno-Karabakh” (SYNOVITZ, 2020). Essa importância reside no fato de que a cidade é ponto de passagem obrigatória

do corredor de Lachin – rota que liga as cidades de Goris, Lachin e Stepanakert – principal eixo de transporte entre o território armênio e Nagorno-Karabakh. Os diversos estudos sobre o conflito de 2020 apresentam como lições aprendidas (TRADOC, 2020):

- o uso massivo de drones para ataques a alvos terrestres;
- a utilização da guerra eletrônica para a aquisição de alvos e interferência nos sistemas de comando e controle do oponente; e
- o largo emprego das operações de informação.

Outros pesquisadores identificaram que as localidades ainda configuram objetivos estratégicos, salientando a importância do adestramento para o combate em ambiente urbano (SPENCER; GHOORHOO, 2021). No entanto, ainda há espaço para estudar os aspectos táticos das operações ofensivas lançadas pelas forças militares do Azerbaijão. Assim, o presente artigo busca contribuir para esse debate, analisando a Batalha de Shusha sob a ótica da doutrina militar terrestre (DMT), identificando os aspectos no nível tático que levaram ao sucesso azerbaijano na retomada da localidade.

A BATALHA DE SHUSHA

Em novembro de 2020, as tropas armênias defendiam Shusha com um efetivo aproximado de três mil militares [1], apoiados com carros de combate T-72 e viaturas blindadas de combate de infantaria BMP-2, privilegiando a defesa dos

acessos da cidade servidos pelo corredor de Lachin, a norte e a sudoeste (QAFOAZ, 2020b; SPENCER; GHOORHOO, 2021). Eric Chan (2020) salienta que o treinamento das tropas de voluntários armênios foi conduzido por veteranos da campanha de 1994, calcada na realização de defesas estáticas, sem grandes diferenças do que havia sido praticado no conflito do final do século XX.

Para Synovitz (2020), a retirada das tropas azerbaijanas, em 9 de maio de 1992, que resultou na perda de Shusha, foi humilhante para a cúpula militar do Azerbaijão. Fruto disso, uma operação de retomada foi planejada por anos e executada entre outubro e novembro de 2020 (QAFOAZ, 2020a). O objetivo da manobra era conquistar Shusha por meio de um isolamento inicial da localidade, seguido de um investimento, tudo com a finalidade de controlar o caminho de Lachin, impedindo a entrada de tropas e de suprimentos provenientes da Armênia na região de conflito (QAFOAZ, 2020b; SPENCER; GHOORHOO, 2021).

Entre 28 e 30 de outubro de 2020, um batalhão de forças especiais [2], com efetivo de 400 militares, divididos em quatro subunidades, realizou um deslocamento terrestre sigiloso, sem apoio de artilharia, durante cinco dias para alcançar, por sul, oeste e leste, os paredões rochosos que circundam Shusha (AVIA-PRO, 2020; QAFOAZ, 2020b; SPENCER; GHOORHOO, 2021). O deslocamento foi realizado em faixas do terreno cobertas por vegetação em meio ao terreno montanhoso, aproveitando períodos de escuridão, com o auxílio de guias, o que permitiu que fosse evitado o contato precoce com o inimigo, que não defendeu o terreno aparentemente intransponível (QAFOAZ, 2020b; SPENCER; GHOORHOO, 2021).

Após 14 horas de reconhecimento aproximado em um terreno com meio metro de neve, os 400 soldados escalaram os paredões rochosos para alcançar Shusha (QAFOAZ, 2020a). Ao detectar a tropa azerbaijana já nas imediações da cidade, os armênios executaram fogos de artilharia e realizaram emboscadas sobre os atacantes, aproveitando-se das posições defensivas que dominavam o terreno adjacente (KUZNETS, 2020).

Mesmo assim, ao final da jornada, em 4 de novembro, as elevações a sul de Shusha já estavam sob controle das tropas do Azerbaijão, incluindo-se partes do corredor

do Lachin que, por aquela direção, acessam a localidade. No dia seguinte, a cidade já estava cercada por leste, oeste e sul, e todas as tentativas armênias de reforçar a defesa da localidade, utilizando o corredor de Lachin, foram bloqueadas (KUZNETS, 2020).

Com a localidade isolada, em 6 de novembro, tropas convencionais reforçaram as Forças Especiais que investiram sobre Shusha, empregando massivamente armas anticarro portáteis, apoiadas pelo sistema de artilharia de mísseis e foguetes Polonez 300mm (SPENCER; GHOORHOO, 2021). No dia seguinte, um nevoeiro surgiu sobre Shusha, impedindo a observação aérea azerbaijana provida pelo Sistema de Aeronave Remotamente Pilotada (SARP) *Bayraktar TB2* [3], dificultando o apoio de fogo e permitindo uma pequena reação armênia por meio de contra-ataques de frações de carros de combate que não foram suficientes para expulsar as forças de ataque.

Em 8 de novembro, o presidente Ilham Aliyev declarou a conquista da localidade, pronunciando que “após 28 anos, o chamado à oração será ouvido em Shusha” e complementou afirmando que “esta história viverá para sempre. Esta é a data de nossa vitória gloriosa, conquistada no campo de batalha, não na mesa de negociações” (ALIYEV; BIR; AYDOGAN, 2020). Na capital azerbaijana Baku, a população se reuniu para comemorar, agitando bandeiras e entoando canções, enquanto os motoristas tocavam as buzinas dos carros (AL JAZEERA, 2020).

Do apresentado, é admissível afirmar que, sob a óptica da DMT brasileira, a manobra planejada e executada pelas forças do Azerbaijão caracteriza-se como uma infiltração. A ação realizada desdobrou uma força valor batalhão à retaguarda da posição inimiga, por meio de um deslocamento terrestre dissimulado por terreno impeditivo. Assim, foram alcançados resultados coerentes com o que se espera de uma infiltração: multiplicação do poder de combate, permitindo que uma força com menor poder de combate se impusesse sobre o oponente; e a conquista de Shusha, um acidente capital decisivo no contexto do conflito Nagorno-Karabakh.

PRINCÍPIOS DE GUERRA E FUNDAMENTOS DAS OPERAÇÕES

Após estudar os principais pontos da Batalha de Shusha, é possível observar quais princípios de guerra adotados na DMT foram levados em

consideração pelos chefes militares envolvidos, sem olvidar que são preceitos filosóficos variáveis no espaço e no tempo, até mesmo dentro das forças singulares de um mesmo país (BRASIL, 2018, 2019). De maneira semelhante, pode-se identificar quais foram os fundamentos das operações ofensivas e defensivas que sustentaram o êxito azerbaijano ou que contribuíram para a derrota armênia.

A capacidade de colocar os defensores em desvantagem relativa por meio da infiltração refletiu a valorização do princípio de guerra – manobra – no planejamento azerbaijano. A existência de terreno que limitava a observação e a vigilância, materializada nas ravinas e nas zonas arborizadas nos arredores de Shusha, facilitou a manutenção do sigilo da infiltração de 400 militares, divididos em quatro faixas de infiltração distintas. Importante destacar o emprego de guias que ajudaram os azerbaijanos a evitar as posições defensivas armênicas durante a infiltração. Segundo um combatente azerbaijano, os armênios nunca haviam pisado nas trilhas usadas para aproximar-se da cidade (QAFOAZ, 2020b).

A situação permitiu, ainda, a exploração do princípio de guerra – surpresa – pelos azerbaijanos, que empregaram sua força onde os armênios não esperavam, prejudicando a execução de uma reação eficiente.

É possível afirmar, também, que o fundamento das operações defensivas – segurança – foi desvalorizado pelas forças armênicas, pois não estabeleceram medidas que proporcionassem o alerta oportuno sobre a aproximação do inimigo, dificultando a defesa da cidade. O dispositivo defensivo armênio ignorou as faixas do terreno montanhosas, aparentemente intransponíveis, que davam acesso a Shusha, além de não posicionar meios de vigilância eficientes no terreno.

Ressalta-se que o efetivo desdobrado na defesa de Shusha, três mil militares, era compatível com uma brigada de infantaria, valor suficiente para a realização da defesa do perímetro da cidade em boas condições [4]. Aproveitando-se da debilidade do dispositivo defensivo, os azerbaijanos valeram-se do fundamento das operações ofensivas, exploração das vulnerabilidades do inimigo, infiltrando suas forças nos locais não monitorados pelos armênios e rompendo seu dispositivo nos locais de difícil

acesso, onde não existiam posições defensivas significativas.

Outro fundamento das operações ofensivas valorizado em Shusha foi o controle dos acidentes capitais do terreno. Em 4 e 5 de novembro de 2020, as tropas azerbaijanas conquistaram as elevações ao sul da localidade e partes do corredor de Lachin, impedindo a chegada de reforços vindo do sul, materializando a consecução do isolamento e favorecendo o cumprimento da missão.

O princípio de guerra – massa – também foi muito evidenciado na manobra das forças do Azerbaijão. Uma tropa de valor batalhão empregada no momento e local favorável ao atacante, foi capaz de conquistar o terreno defendido por uma força de valor brigada. Importante destacar que a utilização de Sistemas e Materiais de Emprego Militar (SMEM) de alta tecnologia, como os SARP *Bayraktar TB2*, ajudou a compensar as deficiências de efetivo, multiplicando o poder de combate azerbaijano.

O moral foi outro princípio de guerra relevante na Batalha de Shusha. A cúpula militar do Azerbaijão ainda se ressentia da derrota em 1992, o que motivou a realização de longa e intensa preparação para retomar a cidade. Lutando para reconquistar uma cidade que foi tomada injustamente, segundo a narrativa azerbaijana, os soldados reagiram adequadamente à disciplina, ao risco, ao adestramento e à liderança, inclusive do nível político, conforme verifica-se no discurso de vitória do presidente Aliyev:

Shusha é a joia da coroa de Karabakh! A libertação de Shusha tem grande significado político e estratégico, além de grande importância moral. Nós retornamos a Shusha, nós retornamos a Shusha, nós viveremos em Shusha, pessoas viverão em todas as outras terras liberadas da ocupação. Pessoas retornarão a essas terras, viverão lá, enfim, após uma espera de 30 anos (AZERBAIJÃO, 2020).

Aliyev também salientou a necessidade de fortalecer o espírito guerreiro do exército antes de entrar em combate, pois estava claro que a vitória não seria conquistada apenas com armas (QAFOAZ, 2020a). A preparação levou alguns anos e incluiu o treinamento das tropas para desenvolver a capacidade de lutar em qualquer terreno e sob condições climáticas adversas,

influenciando positivamente na atitude mental dos soldados frente ao risco de realizar um ataque contra efetivo superior, sem apoio de artilharia e em terreno acidentado.

Assim, é plausível afirmar que os princípios de guerra vigentes na DMT, em especial os citados na presente análise, continuam a valer nos conflitos contemporâneos, inclusive no nível tático. Verifica-se que o valor da tropa empregada sobrepôs ao efetivo que seria necessário para o sucesso da missão, sendo ainda, contemplado com a utilização de SMEM, com alto grau tecnológico ou com uma unidade altamente motivada. A observação dos princípios de guerra e dos fundamentos das operações são importantes, podendo alçar uma ação militar ao sucesso ou condená-la ao fracasso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Guerra de Nagorno-Karabakh, em 2020, foi mais um capítulo do embate entre armênios e azerbaijanos iniciado ainda no século XIX. Nesse ínterim, a cidade de Shusha se destaca como elemento primordial no conflito, tanto por seu valor militar como por sua importância psicossocial. Não por acaso se constituiu como objetivo militar em diversas ocasiões desde 1918.

Sob a óptica da DMT brasileira, este artigo buscou identificar os fatores que, no nível tático, contribuíram para a vitória azerbaijana na batalha que resultou no cessar fogo assinado em 10 de novembro de 2020. Ainda que as fontes de pesquisa oficiais sejam escassas, em sua maioria no idioma azeri e, provavelmente, eivadas pela campanha psicológica desenvolvida pelo Azerbaijão, foi possível delinear as ações desencadeadas, entre 28 de outubro e 8 de novembro de 2020, que resultaram na conquista da localidade de Shusha.

Esse conflito é tema de diversos estudos focados no amplo emprego de aeronaves remotamente pilotadas para ataques a alvos

terrestres, mas, especialmente em Shusha, o fator humano foi o primordial para o sucesso azerbaijano. Ficou comprovado, mais uma vez que tropas treinadas, equipadas e motivadas podem ser empregadas contra forças numericamente superiores e obter sucesso expressivo.

A existência de tropas com essas características permite ao comandante tático a execução de ações táticas agressivas e ousadas, como a infiltração, contra alvos decisivos no contexto geral da operação. Ainda assim, os riscos desse tipo de ação militar obrigam a realização de minucioso exame de situação para a concepção de uma linha de ação aceitável, praticável e adequada.

Como o território brasileiro possui vastas regiões que propiciam a realização de deslocamentos terrestres sigilosos, tais como a selva amazônica e algumas cadeias montanhosas, é imperativo que as tropas especializadas nesses ambientes operacionais mantenham seu adestramento para o planejamento e a execução da forma de manobra infiltração.

De igual maneira, é importante ressaltar a relevância do emprego de meios que propiciem alerta oportuno sobre a aproximação do inimigo durante as operações defensivas, evitando ser surpreendido. A utilização de sensores eletrônicos é interessante, mas é essencial planejar meios alternativos de vigilância caso ocorram ações do inimigo, como guerra eletrônica ou condições climáticas adversas, que impeçam o emprego desses meios.

Pode-se concluir que, durante a Batalha de Shusha, conceitos doutrinários da DMT brasileira foram comprovados, em especial a praticabilidade da forma de manobra infiltração no contexto de um combate convencional de alta intensidade. Por fim, a presença de vetores de alta tecnologia nos conflitos exige adaptação na doutrina e nas técnicas, táticas e procedimentos, mas não tira do homem o protagonismo no campo de batalha.

REFERÊNCIAS

- ALIYEV, J.; BIR, B.; AYDOGAN, M. **Shusha city freed from Armenia's occupation: Azerbaijan**. Disponível em: <https://www.aa.com.tr/en/azerbaijan-front-line/shusha-city-freed-from-armenias-occupation-azerbaijan/2036192>. Acesso em: 14 ago. 2021.
- AL JAZEERA. **Azerbaijan says it seized Nagorno-Karabakh's 2nd-largest city**. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2020/11/8/azerbaijan-says-it-seized-nakarno-karabakhs-2nd-largest-city>. Acesso em: 18 ago. 2021.
- AVIA-PRO. **Azerbaijan surrounded the city of Shushi from three directions overnight - the assault has already begun**. Disponível em: <https://avia-pro.net/news/azerbaydzhazha-za-noch-okruzhil-gorod-shushi-s-s-tryoh-napravleniy-shturm-uzhe-nachalsya>. Acesso em: 14 ago. 2021.
- AZERBAIJÃO. **Official web-site of President of Azerbaijan Republic - NEWS» Events**. Disponível

em: <https://en.president.az/articles/45924>. Acesso em: 18 ago. 2021.

BBC. **Por que há uma guerra acontecendo na Europa**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54379493>. Acesso em: 14 ago. 2021.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **EB20-ME-11.401 Manual de Ensino Dados Médios de Planejamento Escolar**. 1. ed. Rio de Janeiro, 2017.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **EB20-MF-10.102 Doutrina Militar Terrestre**. 2. ed. Brasília, 2019.

BRASIL. Ministério da Defesa. **EB20-MF-03.109 Glossário de Termos e Expressões para uso no Exército**. 5ª. ed. Brasília, 2018.

CHAN, E. **What Taiwan's Military Can Learn from the Armenia-Azerbaijan War**. Disponível em: <https://thediplomat.com/2020/12/what-taiwans-military-can-learn-from-the-armenia-azerbaijan-war/>. Acesso em: 14 ago. 2021.

CNN. **Entenda por que Azerbaijão e Armênia estão em conflito em Nagorno-Karabakh**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/09/29/entenda-por-que-azerbajao-e-armenia-estao-em-conflito-em-nagorno-karabakh>. Acesso em: 14 ago. 2021.

EUA. United States Army. Tradoc. **Early Lessons-Learned from Nagorno Karabakh**. OE Watch, v. 10, n. 12, p. 23, Dez 2020.

FARREL, F. **The battle for Shusha: the cauldron of generational pain at the heart of the Nagorno-Karabakh war**. Disponível em: <https://neweasterneurope.eu/2020/11/12/the-battle-for-shusha-the-cauldron-of-generational-pain-at-the-heart-of-the-nagorno-karabakh-war/>. Acesso em: 14 ago. 2021.

KUZNETS, D. **The battle for Shusha Fighting in Nagorno-Karabakh has reached a turning point. Here are the most recent developments in the conflict zone**. — Meduza. Disponível em: <https://meduza.io/en/feature/2020/11/07/the-battle-for-shusha>. Acesso em: 17 ago. 2021.

LOUREIRO, H.; PORTO, P. B. **A guerra de Nagorno-Karabakh: as disputas em torno dos conceitos de “vítima” e “genocídio” no tempo presente**. Revista Tempo e Argumento, v. 13, n. 32, 30 Abr 2021. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/download/217518031332/2021e0111/12888/74407>. Acesso em: 18 ago. 2021.

QAFOAZ. **Şanlı ordumuzun Şuşa əməliyyatı**. Disponível em: <https://qafqazinfo.az/news/detail/sanli-ordumuzun-susa-emeliyyati-306584>. Acesso em: 14 ago. 2021.

QAFOAZ. **Şuşaya ermənilərin içindən keçib getdik, xəbərləri olmadı**. Disponível em: <https://qafqazinfo.az/news/detail/susaya-ermenilerin-icinden-kecib-getdik-xeberleri-olmadi-xtd-zabitivideo-307243>. Acesso em: 14 ago. 2021.

RÚSSIA. **Заявление Президента Азербайджанской Республики, Премьер-министра Республики Армения и Президента Российской Федерации**. Disponível em: <http://www.kremlin.ru/events/president/news/64384>. Acesso em: 14 ago 2021.

SPENCER, J; GHOORHOO, H. **The Battle of Shusha City and the Missed Lessons of the 2020 Nagorno-Karabakh War**. Disponível em: <https://mwi.usma.edu/the-battle-of-shusha-city-and-the-missed-lessons-of-the-2020-nagorno-karabakh-war/>. Acesso em: 14 ago. 2021.

SYNOVITZ, R. **Azerbaijani Forces Close in on Nagorno-Karabakh's “Unassailable” Mountain Fortress City**. Disponível em: <https://www.rferl.org/a/azerbaijani-forces-close-in-on-nagorno-karabakh-s-unassailable-mountain-fortress-city-shushi-susa-/30932210.html>. Acesso em: 14 ago. 2021.

NOTAS

- [1] Efetivo aproximado de uma brigada de infantaria do Exército Brasileiro.
- [2] Recebe a designação de Forças Especiais, mas não realiza operações especiais conforme a doutrina militar brasileira. Constitui-se tão somente em uma tropa com adestramento diferenciado das forças convencionais.
- [3] SARP de média altitude de origem turca.
- [4] Uma brigada de infantaria motorizada defende uma frente de 5,6 a 16,8 km (BRASIL, 2017). A cidade de Shusha possui um formato circular com cerca de 9,5 km de circunferência.

SOBRE O AUTOR

O Major de Infantaria Filipe Machado Carolino é Adjunto da Seção de Operações da 4ª Brigada de Infantaria Leve de Montanha. Foi declarado aspirante a oficial, em 2004, pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). É especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa Nacional, pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). Realizou os cursos Básico e Avançado de Montanhismo. Foi instrutor do Curso de Infantaria e da Seção de Instrução Especial da AMAN e, no exterior, da Escola de Infantaria da Força Armada da República de El Salvador. Comandou a Companhia de Comando da 7ª Brigada de Infantaria Motorizada (filipemachado.carolino@eb.mil.br).